



PAQUETTE, Jean-Marcel. O Ramakien do Sião à luz das teorias épicas. Trad. Christina Ramalho. In: **Revista Épicas**. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-15. ISSN 2527-080-X.

O RAMAKIEN¹ DO SIÃO² À LUZ DAS TEORIAS ÉPICAS³

LE RAMAKIEN SIAMOIS A L'ÉPREUVE DES THÉORIES DE L'ÉPOPEE

Jean-Marcel Paquette⁴

RESUMO: Neste artigo, Jean-Marcel Paquette estuda⁵ a obra tailandesa *Ramakien*. Este texto, cuja natureza épica não é óbvia à primeira vista, pode e deve ser considerado como tal à luz da teoria que tão bem explica tantas epopeias. Após uma apresentação histórica da relação entre a *Râmâyana* indiana e a

¹ Epopeia nacional da Tailândia. Mantivemos os títulos das obras como citadas no artigo original.

² Nota nossa. Nome da Tailândia até 1939.

³ Versão autorizada em língua portuguesa do artigo publicado na revista *Le Recueil Ouvert*, a saber: PAQUETTE, Jean-Marcel. *Le Ramakien* siamois à l'épreuve des théories de l'épopée. In : **Le Recueil Ouvert** [En ligne], publicado em : 22/09/2016, URL : <http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/235-le-ramakien-siamois-a-l-epreuve-des-theories-de-l-epopee>.

⁴ Nascido em Montréal (1941), Paquette estudou na Université McGill (Montréal) e no Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale (Poitiers). Professor de Literatura Medieval na Université Laval (Québec) de 1968 a 2000 ; professor convidado nas universidades de Caen (1971), de Paris-XIII (Villetaneuse, 1972), de Wrocław (Polónia, 1979), de Augsburg (Alemanha, 1981), de Pécs (Hungria, 1986), de Sofia (Bulgária) e de Bangkok (Tailândia, 2001). Após fazer sua carreira como professor da Université Laval (Québec), se tornou Conselheiro Especial da Seção de Francês da Université Chulalongkorn (Bangkok). Jean-Marcel Paquette é um dos pioneiros das novas teorias sobre o gênero épico que surgiram após o apelo de G. Nagy e Etiemble pela recontextualização do gênero. Em dois artigos seminais, ele ajudou a reformular nossa visão da epopeia: *Épopée et Roman: Continué or Discontinuité?* (*Études littéraires*, Québec, Canadá, 1971) e *L'épopée: problème d'une définition (Typologie des sources du Moyen Age occidental*, Brepols, 1988). Neste último – um dos primeiros estudos baseados em um corpus de epopeias de diversas épocas e culturas –, ele definiu o gênero por meio de dois conjuntos de critérios, internos e externos. Outras publicações relacionadas ao tema épico: **Sous le signe du singe**. Montréal, Québec: Éditions de l'Hexagone, 2001 (réécriture du *Ramakien* siamois) ; **Le Ramakien en français**. Paris et Pondichéry, Inde: Éditions Kailash, 2013 ; **Métamorphoses du texte**. Essai d'analyse différentielle des sept versions de la *Chanson de Roland*. Orléans: Éditions Paradigme, 2013 (que contém dois capítulos sobre os aspectos teóricos da epopeia abordados neste artigo). O pesquisador desenvolve paralelamente, sob o nome de Jean Marcel, uma carreira de autor polígrafo. Ver: www.jeanmarcel.info . (Síntese do resumo dos editores da revista *Le Recueil Ouvert*).

⁵ Pequena alteração na abertura do resumo original, por questões de coesão.

Ramakien tailandesa e um resumo do texto, o artigo primeiro delinea a estrutura de oposição tripartida. O primeiro nível é a oposição irreductível de Homens e Gigantes (essa oposição é a réplica de uma estrutura de oposição já presente nos deuses, entre gloriosa e surrada). Um segundo nível, dentro do clã dos homens, opõe a Rama e a megera Kao pela posse do trono. O terceiro nível confronta Rama e seu meio-irmão Lascha por intermédio de Sita, esposa de Rama. A segunda parte dá uma demonstração sobre os critérios externos ao material narrativo: o autor reconstrói as condições, desta vez históricas e antropológicas, que permitiram ao Ramakismo (nascido da providência de um texto não-épico) se elevar ao épico. Quatro são essenciais: a territorialização (que explica, em particular, porque o épico nasce numa sociedade bélica), a apreensão pelo imaginário, a recusa de um estilo arcaico e o trabalho de sair da crise. Mobilizar esses critérios internos e esses critérios externos não só permite que J.-M. Paquette defina a epopeia como um gênero, mas também explicar como se articulam suas primeiras teorias e algumas das teses contemporâneas que reivindicam sua influência.

Palavras-chave: *Ramakian*, *Râmâyana*, teoria épica.

RÉSUMÉ : Dans le présent article, Jean-Marcel Paquette étudie le *Ramakien* thaï. Ce texte, dont la nature d'épopée n'est pas évidente au premier abord, peut et doit être considéré comme tel au regard de la théorie qui rend si bien compte de tant d'épopées. Après une présentation historique des rapports entre le *Râmâyana* indien et le *Ramakien* thaï et un résumé du texte, l'article dégage d'abord la structure tripartite d'opposition. Le premier niveau est l'opposition irréductible des Hommes et des Géants (cette opposition étant la réplique d'une structure oppositionnelle déjà présente chez les dieux, entre glorieux et miteux). Un deuxième niveau, à l'intérieur du clan des hommes, oppose Rama et la mégère Kao pour l'enjeu du trône. Le troisième niveau affronte Rama et son demi-frère Lascha par l'intermédiaire de Sita épouse de Rama. La deuxième partie donne une démonstration relative aux critères externes au matériau narratif : l'auteur y reconstitue les conditions cette fois historiques et anthropologiques ayant permis au *Ramakien* (né du provignement d'un texte non épique) de s'élever jusqu'à l'épopée. Quatre sont essentielles : la territorialisation (qui explique notamment pourquoi l'épopée naît dans une société guerrière), la saisie par l'imaginaire, le refus d'un style archaïsant et le travail de sortie de crise. Mobiliser ces critères internes et ces critères externes permet non seulement à J.-M. Paquette de définir l'épopée comme genre, mais aussi d'explicitier la manière dont s'articulent ses premières théories et certaines des thèses contemporaines qui en revendiquent l'influence.

Mots-clés : *Ramakian*, *Râmâyana*, théorie épique.

Introdução

O *Ramakien* é a versão estritamente siamesa da *Râmâyana* indiana (1000). Não se sabe nada sobre a época e o lugar em que essa transmissão ocorreu, nem por qual das trezentas ou mais versões regionais indianas. Os antigos anais do reino de Sukhothai Unido (século XIII) relatam as cenas ou trechos de *Râmâyana*, sem entrar em detalhes, e o saque da capital Ayudhya (1767) levou todos os segredos dos textos e anais subsequentes ao período Sukhothai. O que é certo, porém, é o empenho do fundador da nova dinastia (Rama I) para trazer de volta ao seu reino a memória de sua epopeia, compondo sua própria versão (1797), que é a que aqui vamos seguir. Ela tem quase 50.000 versos e uma linguagem muito simples, sem desejo de arcaísmo. Seu filho, Rama II, escreveu, por sua vez, uma epopeia imensa, deixando-a inacabada (antes de 1824). Com atalhos de narração, ela se presta a performances teatrais. Outra versão, composta

por um grupo de príncipes, foi gravada nas colunas de mármore do claustro do Palácio Real durante a restauração dos afrescos no final do século XIX.

A área de difusão e influência da obra *Râmâyana* se estende de oeste para leste, além do Sião-Tailândia, Nepal (*Siddhi Ramayan*), Myanmar (*Yama Zatdaw*), Yunnan chinês (pays des Taï Leü), Laos (*Phra Lak Phra Ram*), Camboja (*Ramakerti*), Malásia (*Hikayat Seri Rama*), Filipinas (*Maharadia Lawana*), Java e Bali (*Kakawin Ramayana*) e Sumatra (*Ramawana Swarnadwipa*). Em todos esses países, a *Râmâyana* é a fonte de uma cultura fundamental sempre viva, especialmente na música, dança, teatro e poesia na imaginação mitológica mais cotidiana. Somente no ano passado houve, na Tailândia, cinco edições ilustradas para crianças.

A versão siamesa, da qual apresentamos a seguir um resumo difere amplamente das muitas versões indianas e do sudeste da Ásia (ver lista acima). Se o padrão geral é constante, esta versão siamesa só tem uma real semelhança de detalhes (por influência?) com a versão Khmer (do Camboja)⁶.

A especificidade desta versão siamesa está no excepcional papel atribuído pela narrativa ao macaco Hanuman, um personagem muito secundário da maioria das versões indianas ou adaptações estrangeiras (exceto a versão *Ramakerti*⁷). Foi Rama II, em sua versão “teatral”, que de alguma forma projetou o Macaco Branco no centro das atenções, mas a versão de Rama I já o projetou em um lugar muito mais importante do que todos os outros. Aqui está, em resumo, a história reduzida à sua estrutura mais simples para os fins a que propomos.

Resumo

Rama (reencarnação do deus Vishnu-Narai) é o filho do rei de Ayudhya destinado a sucedê-lo. Ele tem três meios-irmãos, incluindo gêmeos, todos das três esposas de seu pai. Os irmãos vivem em perfeita harmonia. Enquanto ainda era um príncipe, Rama se casa com Sita (reencarnação da deusa Lakmi, esposa de Vishnu). Durante a vida do rei idoso, as intrigas do palácio (especialmente fomentadas pela rainha Kao, uma das três esposas do rei) removem o trono de Rama para confiá-lo a um de seus meio-irmãos,

⁶ Grifo nosso.

⁷ *Ramakerti* : version khmère sans doute reçue directement de l'Inde a haute époque et qui aurait été introduite au Siam vers la fin du XIIIe siècle.

Bara, filho de Kao. Bara tem a intenção de renunciar ao trono proposto a ele por sua mãe, mas Rama, em vez de se rebelar ou defender, deixou a corte sozinho, entrou em um eremitério na floresta. Sita e seu meio-irmão Laksha, um dos gêmeos, o seguem.

Enquanto isso, entre os gigantes demoníacos de Lanka se prepara uma guerra de extermínio contra homens descendentes e protegidos dos deuses superiores. Seu rei Totsakan (reencarnação de um deus inferior) apaixona-se ouvindo boatos sobre Sita, a sequestra e desencadeia as esperadas hostilidades.

Enquanto Totsakan estava raptando Sita da floresta, Rama saiu a perseguir uma corça de ouro enviada propositalmente por Totsakan para afastar Rama da cabana que servia de casa para o trio. Rama, no entanto, havia comprometido Laksha com a guarda de Sita. Uma voz misteriosa de repente, imitando a de Rama, logo permitiu adivinhar que o caçador estava em dificuldades; mas Laksha, não querendo falhar com a palavra que havia dado a Rama de não abandonar Sita sob qualquer pretexto, recusou-se a obedecer ao pedido de Sita para que ele se unisse urgentemente a seu irmão. Laksha, entretanto, foi forçado a ceder no final, e foi para a floresta profunda, enquanto Totsakan aproveitou a oportunidade para sequestrar Sita.

É então que surge o macaco Hanuman, filho do deus do vento Vayu e de uma princesa humana, destinado por Shiva, desde seu nascimento, a servir como ajudante de Rama em sua reconquista de Sita e em suas batalhas contra a gente demoníaca de Lanka. Ele se mostra a Rama e Laksha como o enviado do deus Shiva. É ele quem cria exércitos de macacos em todos os reinos, prepara os planos para as batalhas a serem travadas, e se faz secretamente o emissário para anunciar a Sita que Rama a libertará em breve.

Seguidas peripécias, sub-episódios e fortes combates terminam com a morte de Totsakan e a restauração de Rama como rei de Ayudhya.

Nós nos propomos a analisar o texto à luz de dois critérios épicos que identificamos em nosso trabalho teórico. De fato, distinguimos dois tipos de critérios épicos, que nos servirão para balizar nossa análise do texto: a “pirâmide de conflitos”, critérios internos ao texto, rigorosamente identificáveis na factualidade da narração, e o “campo de emergência”, critérios antropológicos, externos, que vemos como condições históricas para o aparecimento do épico.

Análise I: Uma pirâmide de conflitos

2.1 Critério I a: Conflito entre duas entidades bélicas

Entre os primeiros, alegamos, após analisar numerosos textos considerados épicos, que sua estrutura interna sempre apresentava uma construção piramidal de oposição binária em três níveis.

Foi assim que localizamos essa constante: em qualquer texto épico aparece, contaminando toda a narrativa, uma macroestrutura de um conflito original que opõe duas entidades irreduzíveis (povos, cultos, mundos etc.). Dessa maneira, os aqueus se opõem aos troianos (*Ilíada*), os cristãos aos sarracenos (*Canção de Rolando*), o Reino de Hrothgart ao Gigante Grendel (*Beowulf*) etc. Essas forças absolutas são de natureza inconciliável: no final da história, um deve desaparecer. Seu campo da evolução é o campo de batalha.

Com relação a esse primeiro “critério”, vejamos o que acontece em *Ramakien*: a macroestrutura de oposição revela um conflito entre Homens e Demônios, em si um reflexo de uma tensão entre deuses superiores e deuses inferiores dos quais são reencarnações. Em outras palavras, a estrutura é dobrada aqui: Homens / Demônios = deuses contra deuses = Vishnu-Rama/Nonduk - Totsakan. Também podemos designá-los pelo respectivo local: Ayudhya/Lanka. No entanto, essa estrutura não está presente em todas as versões indianas, o que faz de Ravana (que se torna Totsakan em tailandês) o rei dos demônios sem origem celestial, Vishnu se encarna em Rama somente a pedido de certos deuses ameaçados pelo rei demônios. Na versão siamesa, Nonduk é um deus inferior, guardião de Shiva e intratável com os deuses visitantes – daí seu castigo, que consiste em reencarnar em um demônio com dez cabeças e vinte braços.

2.2 Critério I b: Conflito social

Um segundo nível abrange o texto épico. Dentro da entidade à qual o narrador necessariamente pertence, há um estado de crise “social” entre dois personagens. É a tensão entre Ganelon e Roland, que levará à traição (*Canção de Rolando*), é a raiva de Aquiles contra Agamenon (*Ilíada*) ou a zombaria de Unferth contra Beowulf (*Beowulf*).

O texto em tailandês mostra, neste segundo nível, uma crise de sucessão na corte de Ayudhya. Uma das três esposas do rei reinante, o pai de Rama, já havia salvado

a vida do rei em uma batalha, e o rei prometeu cumprir um desejo que a astuta reservaria para mais tarde. Com o rei envelhecido, prestes a abdicar em favor de Rama, a rainha Kao finalmente expressa seu desejo de ver seu filho Bara reinar no lugar de Rama. O rei, constrangido por sua promessa, não pode deixar de cumpri-la, e Rama, em vez de se rebelar, decide deixar o trono para seu irmão e se retirar para a floresta para aperfeiçoar seu estado espiritual. O resultado da crise certamente não tem consequências sérias para ao corte – mas a “crise”, no entanto, ocorreu na forma desse pedido, que deve ser atendido pelo rei, dividido entre sua antiga promessa e seu legítimo herdeiro.

2.3 Critério I c: Conflito interno

O terceiro nível, finalmente, ocorre na forma do que é comumente chamado de “casal épico”, difundido na literatura universal. Ele traz o personagem principal em um relacionamento tenso com seu duplo. Esse relacionamento nunca é problemático, mas sempre é apresentado como uma dissensão temporária no relacionamento dos componentes polares do casal. É a briga conhecida como “o toque da buzina” (Roland e Olivier), a luta sem motivo de Enkidou contra Gilgamesh desde seu primeiro encontro, antes de se tornarem amigos inseparáveis; é a recusa de Aquiles em pegar em armas, apesar das objeções de seu melhor amigo Pátroclo.

No *Ramakien*, o par Rama-Laksha é, de certa forma, duplicado pelo casal Rama-Sita, formando assim um trio. Sita age como uma espécie de “duplo” para Rama quando ele, perdido na floresta, parece estar pedindo ajuda; e Laksha, fortalecido pela palavra dada a Rama de não deixar Sita sem seus cuidados, se recusa a atender o pedido dela, que o ordena a ir em socorro de Rama. A tensão é ainda mais forte, pois foi a própria Sita quem instou Rama a ir atrás da corça de ouro. No entanto, foi no momento da reunificação do par de irmãos, isolado na floresta pela primeira vez desde o início do texto, que o Macaco Branco apareceu, como se quisesse marcar a reconciliação entre eles com um selo.

Do primeiro ao terceiro nível, a narração de qualquer texto épico passa de uma tensão extrema (geralmente simbolizada por uma guerra que opõe dois campos), a uma antinomia de natureza “social”, representada por um confronto violento entre dois membros do campo ao qual se funde o narrador; a partir daí, vamos para o terceiro

nível, incorporado nos dois primeiros, em que o casal épico está momentaneamente em “dificuldade”, desequilibrando o casal e promovendo o surgimento do herói solitário – que parece ser o projeto inteiro da narração épica. Portanto, Sita é quem aparece aqui como uma personagem “problemática”, porque o desacordo não surge diretamente entre Rama e seu duplo Laksha, mas por intermédio da mulher. Sita será até, por seu sequestro (como Helena, na *Ilíada*), a causa dos confrontos entre Totsakan e Rama.

Assim, o *Ramakien* do Sião revela a estrutura tripla das tensões binárias e retroativamente confirma a validade da teoria. Cada texto épico tem sua configuração particular dessa distribuição tripartida. Nossa epopeia se distingue, no entanto, pela vibração original da virada dada ao casal épico pela difração em dois casais formando um trio. Parece que o acentuado processo de heroicização do personagem de Hanuman não é totalmente estranho a essa originalidade, porque ele representa o herói consumado, não problemático, liderado pela astúcia e pela inteligência, remanescentes de sua origem divina que de fato, o tornam igual aos “três” caracteres do casal.

Análise II: Fatores antropológicos

Fatores externos ajudam a moldar a epopeia e marcam seu campo de emergência na história. Nossa teoria, desenvolvida há cerca de trinta anos, foi enriquecida com dados fundamentais que emprestamos aqui (abaixo) da brilhante tese de Florence Goyet⁸.

3.1 Critério II a: Territorialização

O primeiro desses fatores reside no que chamamos de *territorialização*, um fenômeno histórico externo ao texto, mas que contribui para sua constituição. Esse processo se apresenta como o instante (às vezes bem prolongado) em que um grupo étnico, um clã, um povo procede à apropriação de um território, à sua demarcação e à sua defesa. Esses três modos de controle do solo (apropriação, delimitação, defesa) se referem a uma sociedade necessariamente guerreira. E a epopeia pode, com razão, ser considerada como a história simbólica deste momento. É por isso que a epopeia é sempre a crônica de uma guerra. E de uma guerra levada a solo estrangeiro, como se para não contaminar a nova terra sagrada (Tróia, Roncevaux, Beowulf entre os

⁸ GOYET, Florence. *Penser sans concepts : fonction de l'épopée guerrière*. Paris : Honoré Champion, 2006.

dinamarqueses e não em Greatland etc.). Essa guerra é, em sua extrema tensão (definição de Clausewitz), a matriz da própria forma da epopeia em sua implantação em três estratos de oposição binária. Toda narração é baseada, na realidade, na “tensão”, o auge – sem esse núcleo de paroxismo, por mais fraco que seja, não existe narrativa. É por isso que não apenas a epopeia se baseia nessa situação (apropriação, delimitação, defesa), mas também marca seu “território”, que deve ser o primeiro – primeiro em ordem – *primordial*. Nessa mesma primazia, ela se estabelece como o texto fundador de uma “cultura”. *Gilgamesh, Ilíada, Canção de Rolando, Beowulf, El Cid Campeador* etc. são manifestações originais de uma implantação histórica que deve se desenvolver (Sumer, Grécia, França, Inglaterra, Espanha). Esses textos também são, por essa posteridade, considerados como tendo inaugurado sua própria implantação. Daí a verdadeira adoração que cerca as epopeias nas culturas que elas representam.

3.2 Critério II b: Apreensão pela imaginação

Dessa posição que a epopeia ocupa à margem de uma cultura (território linguístico demarcado), deriva da crônica, anais, historiografia. No entanto, só se torna epopeia a partir do momento em que investe essa historicidade com uma forma de imaginação que consideramos *res ficta* – ficção – palavra de Jean de Garlande⁹, que se opõe a *res gesta*, referindo-se a fatos históricos. A batalha de Roncevaux certamente ocorreu, Roland pode ter existido, mas foi apenas com o advento de Olivier na imaginação que a narração se cristalizou para dar origem ao texto épico.

Como, então, nosso texto se encaixa nessas noções teóricas correspondentes a fatos verificáveis na história?

Primeiro, o fato de que muito antes de nosso texto, a cidade de Ayodhya¹⁰, na *Râmâyana* indiana, servira como nome para a fundação de uma nova capital de uma nova dinastia siamesa. Foi em 1350 que o homem que se deu o nome de Ramathibodi fundou Ayudhya no coração do Sião. Observemos que *Râmâyana* já deve, portanto, ter contaminado a cultura siamesa em sua forma indiana, mas, portanto, ainda não era uma “epopeia”. Notemos também que o fundador desta nova dinastia, que reinou até a queda da cidade (1767), leva, pela primeira vez na história da pequena realeza siamesa,

⁹ A distinção se encontra em *Parisiana poëtria de arte prosaica, metrica et rhythmica* (1234). Autor e músico inglês, ele ensinava em Paris no século XIII.

¹⁰ Cidade histórica do norte da Índia.

o nome de *Ramathibodi*: “Rama, o rei”, em alusão direta à história indiana, que se torna parcialmente siamizada no nome de sua capital e no do reinado do novo monarca.

Apesar do sentido do nome em sânscrito, que significa “cidade inexpugnável”, a cidade de Ayudhya não foi apenas conquistada, mas totalmente destruída pelos birmaneses em 1767; sua dinastia extinta; sua população escravizada na corte birmanesa; seus tesouros saqueados; e todo o território do reino deixado para a anarquia. Assim, o antigo reino teve que ser reconstruído lote por lote, e as feridas, curadas. Esse foi o feito de um alto funcionário e oficial militar na administração dinástica, com o nome de Taksin. Em menos de um ano, ele conseguiu reunir o território, expulsando os birmaneses da devastada Ayudhya e fundar uma nova capital em Thonburi, na margem oeste de Chao Phraya, em frente ao que se tornou hoje Bangkok. Foi lá que ele foi coroado como governante do reino restaurado e reescreveu quatro episódios narrativos dispersos do *Ramakien*, totalizando apenas dois mil versos (aliás, muito defeituosos). É curioso notar que um desses episódios é desconhecido para as outras versões (aquele em que Hanuman está cortejando uma deusa, aprisionada em uma caverna por Shiva).

Logo a saúde mental desse rei-herói parecia vacilar, devido a longas vigílias de meditação que ele realizava com muita frequência sem autorizar o acompanhamento de um mestre. Seu estado de deterioração devia conduzi-lo a formas inaceitáveis de violência e autodestruição; ele foi vítima de um golpe de Estado e executado.

É a seu amigo de infância, chamado Chao Phraya Chakri, antigo pajem da corte de Ayudhya, tornado general dos exércitos do rei Taksin, que, retornando urgentemente de uma campanha militar dirigida contra o Camboja, que é oferecido o trono após sua chegada em Thonburi. Ele continuou, sendo rei, o trabalho de consolidação do território de seu antecessor, expulsou os birmaneses que estavam em busca de vingança perto das fronteiras, mudou a capital para a margem oriental do rio, mudou a capital para a margem oriental do rio, considerando contra a estratégia militar ter estabelecido Thonburi de volta ao rio, uma posição prejudicial no caso de retorno dos ataques pelos birmaneses. E foi lá também que ele reescreveu sua versão do *Ramakien*.

3.2.1 Parêntese

Vamos abrir um parêntese, que não nos levará muito longe do assunto; diz respeito ao nome de Rama I. Seu nome de reinado era na verdade *Phra Bhudhayodfa Chulalok*, e foi dado a ele por seu neto “Rama III”. Ele se deu o nome de *Ramathibodi*, fundador, como sabemos, da cidade e dinastia de Ayuthaya. O nome “Rama” só lhe foi conferido retrospectivamente, mais de um século depois, por Rama VI (reinado de 1910-1925), que deu esse apelido aos seus antecessores, mas apenas para uso de estrangeiros, pois esse nome nunca é usado pelos tailandeses. A razão é que uma superstição antiga dizia que o nome do reinado de um rei nunca deveria ser pronunciado, assim ficava sem ser conhecido até sua morte. Até Rama VI, os reis eram conhecidos pelos estrangeiros apenas pelo nome de príncipe herdeiro: daí o rei *Mongkut* (para Rama IV) e o rei *Chulalongkorn* (para Rama V). De forma diferente, os tailandeses de ontem a hoje apenas nomeiam seu rei reinante chamando-o *Phra Chao you hua* (“O Senhor que vigia nossas cabeças”), ou *Nay Luang* (“Aquele do palácio interior” – o segundo rei ficando “O do palácio da frente”). Dizemos isso, para não cometermos o erro de acreditar que o general Chakri havia se nomeado “Rama” por associação com a epopeia *Ramakien*, da qual ele também será o autor em breve. De qualquer forma, Rama VI, sem dúvida, também teve outro projeto, coroando seus antecessores e sucessores com o título de “Rama”: consolidar, finalmente, o elo de legitimidade da dinastia Chakri com a dinastia Ayudhya pelo nome e pela intenção de seu fundador Ramathibodi.

Devemos ao texto de Rama I a invenção de uma cena meio-histórica e meio-ficcional em que Rama, desejando recompensar Hanuman por sua assistência inabalável, amarra seu arco, dispara uma flecha, de modo que o local onde caia designe o reino dedicado a reinado do Grande Macaco Branco. A flecha cai em “Nopburi” – na verdade, Lopburi, a capital secundária do verão dos governantes de Ayudhya. A cena não será repetida por seu filho na versão “teatral” deixada inacabada. Mas, desde então, a cidade começará a manter, em homenagem ao Rei Macaco da ficção, bandos de macacos que ainda hoje compartilham o centro da cidade, alimentados pelos habitantes de pirâmides de frutas frescas. Dançarinos sagrados dançam para eles em perpetuidade. É assim que a ficção, emprestada da história, por sua vez, se torna um objeto da realidade.

Quanto à insistência do texto na filiação à história do reino, deve-se saber que “Rama I” deu à sua nova capital um nome que continua sendo o mais longo do mundo e que contém, em sua interminável série de nomes grandiloquentes, o nome de *Sri Ayudhya*. Novamente, o nome de Bangkok é usado apenas por estrangeiros como um nome tailandês, que geralmente é conhecido apenas por sua designação introdutória: *Kreungthep* - “Cidade dos Anjos” ...

3.2.2 Apreensão pela imaginação, continuação

Quanto ao que chamei em outro lugar, parafraseando uma afirmação de Valéry¹¹ “*une hésitation entre l’histoire et la fiction*” [uma hesitação entre história e ficção], essa aporia é visível no texto pelas numerosas localizações geográficas emaranhadas com as fantasias mais surreais. Quase não vimos a pergunta “Lopburi-Hanuman” acima.

Podemos discutir se o *Râmâyana* indiano é ou não uma epopeia. De acordo com nossa teoria de que existe apenas uma epopeia por cultura, não demoraria muito para argumentar para admitir o *Mahabharata* como uma figura épica da Índia. Conforme o Sião o recebe, o *Râmâyana* parece ser estritamente falando como um texto “para se acreditar” como um discurso histórico que relata fatos verdadeiros; todas as localizações geográficas são comprovadas: Ayudhya, Mithila, Lanka, etc. As versões posteriores evocam o autor Valmiki para atestar a veracidade dos eventos e, às vezes, fazem dele contraditoriamente um personagem que intervém no discurso.

É apenas gradualmente que o texto siamês incorporará incidentes ou novas ações, como as aventuras românticas de Hanuman. Personagem sério ou mesmo severo no *Râmâyana*, que não tem nada dos automatismos bruscos do macaco, ele se tornará, em seu novo habitat ramaciano, uma espécie de fantoche engraçado e brincalhão. Mas, pelo seu poder, questiona-se se ele não é promovido, como Carlos Magno na *Canção de Rolando*, a ocupar um posto no topo da pirâmide do campo em que ele é, de certa forma, o líder por sua astúcia e inteligência. Ele não é filho de um deus no meio de reencarnações de deuses e deusas? Rama reina, mas não governa; é Hanuman, de acordo com seu papel no *Râmâyana*, que leva seu rei e suas tropas à vitória final de um dos macropolos do conflito e à aniquilação do outro. Poderíamos supor que é com a

¹¹ Em “Épopée et roman : continuité ou discontinuité?”. In : *Études littéraires* (Québec), 1971, p. 9-38). A fórmula de Valéry é: “le poème – cette hésitation prolongée entre le sens et le son”, *Œuvres II*, Gallimard, La Pléiade, p. 636. Nossa trad.: “o poema essa hesitação prolongada entre o sentido e o som”.

aparência desse Hanuman tipicamente tailandês que a longa narrativa “exótica” indiana é transformada em um espelho da cultura siamesa e que a narrativa símile-histórica original se metamorfoseia em epopeia autêntica de um novo povo-nação. É esse advento, em Rama I como em Rama II em conjunto, que de alguma forma congela o texto em seu status épico.

3.3 Critério II c: recusa do estilo arcaico

Como a “primeira obra literária” de uma cultura, a epopeia também carrega um estado muito particular da língua que é o seu suporte. Ela parece avançar como a criança que dá os primeiros passos. É por isso que a linguagem épica, através das lentes distorcidas do tempo, costuma parecer pueril ou infantil. E esse caráter elementar e sincero é marcado por características que associamos à “primitividade” de uma linguagem: paratáxis, imagens raras e não complexas (sem metáfora, por exemplo), descrições externas dos movimentos internos das personagens (linguagem ainda não capaz de servir como um “fluxo de consciência” ou sondagem psicológica), tendência a números e gestos desproporcionais, presença de esquemas de formas, eles próprios resíduos de uma fase em que a matéria da epopeia devia circular oralmente.

Nosso texto de 1797 apresenta uma linguagem notavelmente simples. O desejo de restaurar um texto perdido poderia ter dado origem a uma pitada de arcaísmo. No entanto, este não é o caso. E a linguagem do autor oferece todos os recursos de sua própria modernidade, mas em uma sintaxe, morfologia e léxico acessíveis a muitos, como o objetivo era “politicamente” fazê-lo. A prosódia métrica (muito particular em tailandês e marcada principalmente por rimas interiores) é impecável, diferente da do rei-bardo anterior.

Podemos garantir, sem podermos provar isso por razões técnicas (conhecimento insuficiente do idioma tailandês entre nossos leitores) que a versão “Rama II” é da mesma qualidade – a tal ponto que às vezes podemos acreditar que a versão de 1797 e a de vinte anos depois são do mesmo autor, não fossem essas “operações” para as necessidades da cena realizada no segundo. Caso contrário, os traços de “primitividade” que mencionamos acima são geralmente identificáveis ali, sem que seja necessário, por parte dos autores, recorrer a arcaísmos de todos os tipos.

3.4 Critério II d: Uma saída da crise

Resta-nos confrontar nosso texto com o critério que é, sem dúvida, o mais difícil de identificar na maioria das epopeias, mas que melhor esclarece o campo de emergência do qual a epopeia é o produto. Esse é o conceito proposto por Florence Goyet, que consiste em refletir “sem conceitos”, mas com modos simbólicos, o primeiro dos quais é a existência do próprio texto. Não apenas ele se faz, como qualquer outro, e obviamente, reflete um pouco a sociedade que o provoca, mas, acima de tudo, é o eco de uma notícia particularmente conflitante – de que a epopeia é, de alguma maneira, a solução elaborada a partir do plano imaginário¹².

Florence Goyet fez uma demonstração muito sutil e convincente disso, analisando a *Iliada*, a Canção de Rolando e o texto conjunto de *Hôgen* e *Heiji monogatari*. Nem sempre é fácil aplicar esse critério no caso de muitas epopeias, porque é mais frequente que alguns textos venham de uma época ou local cuja história nos escapa (na encruzilhada de que conflito de legitimação dinástica, por exemplo, teria sido composto o *Gilgamesh*? O *Le Dit du Prince Igor*? ou a *Saga d'Erik, le Rouge*?). Sem dúvida, esses segmentos particulares da história sempre serão inacessíveis ou indecifráveis para nós.

No caso de nosso *Ramakien*, o contexto é de uma clareza indiscutível e apreciável. *Râmâyana* certamente poderia ser uma contribuição importante para a cultura siamesa, mas ele só podia “entender” seus conflitos se transformando.

Não há dúvida de que entre 1767 e o início do século XIX, o reino siamês era uma sociedade em conflitos de vários aspectos: primeiro o saque da capital, que nenhum dos historiadores sustenta como o “fim de 'uma civilização'”, então a reconquista do território por Taksin, fundando ao mesmo tempo uma nova dinastia da qual ele será o único representante, a derrubada desse rei e a fundação de uma nova dinastia pelo general Chakri (1782) – esses eventos, dizemos, fazem parte desses levantes que servem de base para o discurso épico. O novo rei, assim, se apressou em escrever (ou reescrever) o *Ramakien* (1797).

¹² “La guerre [que l'épopée] décrit est une métaphore qui mime une crise contemporaine du public pour lui donner les moyens de l'appréhender intellectuellement”, *op. cit.*, p. 7. – Trad. nossa: A guerra [que a epopeia] descreve é uma metáfora que imita uma crise contemporânea do público para dar a ele os meios para apreendê-la intelectualmente.

Esse fundador da dinastia provavelmente não participou do golpe contra seu rei e amigo de infância, mas continua sendo o principal beneficiário; sua ascensão ao trono continua sendo, para a população contemporânea, duvidosa ou precária. O trabalho de legitimação torna-se necessário, especialmente porque esse pajem que se tornou rei, agora se autoriza por meio de uma mãe “real” (mãe, portanto, ela própria de sangue real) para justificar sua função augusta. Através de sua obra literária, ele fica na fronteira da antiga civilização que ele tem a impressão de estender e de uma nova que ele ainda não vê que em breve abrirá o Sião para as relações e assuntos internacionais, especialmente com o Ocidente. É seu filho quem completará a obra literária consagrando-a como épica, mas é seu neto (Rama III) quem será o primeiro rei comerciante, aquele que fará a riqueza do novo Sião e de toda a dinastia até hoje ... ele também será o único Chakri que não escreveu uma obra literária.

Desta causa tripla (saque de Ayudhya, deposição e morte brutal do rei Taksin, ascensão ao trono de “Ramathibodi”, com a intenção de implantar uma nova dinastia), não há dúvida de que cada uma contribuiu de maneira própria para a preparação do campo de emergência, do qual o novo *Ramakien* apareceria. A primeira causa agiu como necessidade da restauração do que havia sido perdido (um texto), a segunda como um véu sobre um episódio conturbado (um silêncio), a terceira como o triunfo da legitimidade (uma obra).

Deste texto perdido (*Râmâyana* em sua forma indiana), desse silêncio que perpetuou apenas uma incerteza (uma lenda diz que Somdet Phrachao Taksin sobreviveu, refugiando-se em uma cidade no sul do reino), nasceria a obra que reparava, corrigia, restaurava tudo.

Hanuman, o novo herói, é simbolicamente a nação destinada a se tornar, a partir de agora, a auxiliar exclusiva de seu rei.

Um ditado siamês, sempre evocado até hoje, quer que a base do país repouse de fato em três pilares: o Povo, o Budismo, o Rei. No entanto, ainda é estranho que o budismo não tenha deixado vestígios discerníveis na história do *Ramakien*. François Bizot, na introdução de sua admirável tradução do *Khmer Rãmaker*, que é de todas as versões do sudeste da Ásia a mais próxima da versão siamesa, conseguiu mostrar que a recitação do texto era frequentemente feita em contextos religiosos, e que Rama e Sita foram o encontro de iniciação da alma com seu destino. Mas é impossível fazer essa

leitura razoavelmente no texto em tailandês. A razão pode ser que o *Râmâyana* indiano ainda pese fortemente na tradição cultural tradicional que mais singularmente combina hinduísmo e budismo.

Conclusão¹³

O que concluir, exceto que a *Ramakien*, versão siamesa da *Râmâyana*, é realmente uma epopeia, que apresenta a típica estrutura tripla de conflitos, mas também os traços antropológicos que são: a territorialização, o investimento imaginário de um material histórico (que é aqui comprovado), a preparação de uma saída da crise. As “marcas de nascença” aqui têm um tratamento especial, o que torna essa epopeia imitativa um caso notável.

Contudo, permanece o fato de que a *Ramakien* do Sião é, a nosso conhecimento, a única epopeia do repertório universal que nasceu da provocação de um texto exógeno, o *Râmâyana*, que, além disso, não atende aos critérios do gênero épico. Circunstâncias históricas e condições favoráveis permitiram que o texto em tailandês constituísse uma epopeia.

¹³ Notas finais sobre a tradução: optamos por, na maioria dos casos, manter o título das obras conforme citadas no artigo original; a numeração das seções atende aos padrões da *Revista Épicas*; e as citações de fontes foram mantidas nas notas de rodapé, conforme versão original.